



ANais DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XIX (2018)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius

Maria Leônia Chaves de Resende , Klaus Schönlitzer

Como Citar | How to Cite

Resende, Maria Leônia Chaves de, & Klaus Schönlitzer. 2018. «Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius». *Anais de História de Além-Mar* XIX: 189-220. <https://doi.org/10.57759/aham2018.35236>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2018. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2018. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius

Maria Leônia Chaves de Resende*
Klaus Schönitzer**

Anais de História de Além-Mar XIX (2018): 189-220. ISSN 0874-9671

Resumo:

Durante uma expedição no início do século XIX (1817-1820), os naturalistas e viajantes bávaros Johannes Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp Martius tiveram contato com diversos povos indígenas no Brasil. Eles acabaram por levar duas crianças indígenas da região amazônica para Munique, Alemanha, onde estas morreram alguns meses depois, vítimas de doenças pulmonares e intestinais. Foram batizados de Isabella Miranha e Johannes Juri, nomes dos grupos a que pertenciam. Este artigo procura compreender como o contato com as populações indígenas de diferentes procedências e, em especial, o convívio com essas duas crianças redimensionaram a percepção desses viajantes sobre a natureza dos índios.

Palavras-chave: povos indígenas, viajantes Spix e Martius, etno-história.

Data de submissão: 09/01/2018

Data de aprovação: 28/11/2018

Abstract:

During their expedition in the early XIX century (1817-1820), Bavarian naturalist travellers Johannes Baptist Spix and Carl Friedrich Philipp Martius, kept contact with various indigenous peoples in Brazil. They ended up taking two indigenous children from the Amazon region to Munich, Germany, where they died a few months later, victims of bowel and lung diseases. They were baptized as Isabella Miranha and Johannes Juri, names of the groups they belonged. This article aims understand how the contact with different indigenous peoples and, specially, their relationship with these two children, redimensioned these travellers' conceptions about the nature of indigenous from Brazil.

Keywords: indigenous peoples, travellers Spix and Martius, ethnohistory.

Date of submission: 09/01/2018

Date of approval: 28/11/2018

* Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil. E-mail: leonia@ufsj.edu.br .

** Zoologische Staatssammlung München, Alemanha. E-mail: klaus@schoenitzer.de .

Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius

Maria Leônia Chaves de Resende
Klaus Schönitzer

Introdução

O Brasil do início do século XIX, ainda colônia de Portugal, era relativamente inexplorado. Em 1808, com a transferência da coroa portuguesa, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o centro do império português. Pouco depois, em 1815, Dom João VI elevou a condição do Brasil para reino unido a Portugal, criando as condições para profundas mudanças, entre elas a abertura aos cientistas estrangeiros. Foi nesse contexto que os naturalistas da Baviera Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Phillip Martius¹, ao final dos anos 1820, se embrenharam pelo território no que ficou reconhecida com uma das maiores expedições realizadas à época. Dos rincões da Amazônia, levaram duas crianças indígenas, batizadas como Isabella Miranha e Johannes Juri, para Munique, Alemanha.

Até o momento, somente existem algumas poucas publicações alemãs, notícias isoladas nos jornais e uma narrativa ficcional sobre o assunto (Leonhardt 1987). Na historiografia brasileira, esse fato foi tratado pontualmente. O foco foi sobre a crítica à abordagem dos relatos de viagem, tratados como fontes para a história por serem «testemunhas» dos acontecimentos ou, ainda, por

¹ Johann Baptist Spix nasceu em 7 de fevereiro de 1781, em Höchstadt/Aisch, no meio de Francônia. Frequentou a escola básica em Bamberg e adquiriu seu doutorado de Filosofia. Logo após, estudou Teologia em Würzburg, até que seu interesse em ciências o persuadiu a mudar de objeto de estudo, acabando por obter seu segundo doutorado em Medicina, em 1806. Posteriormente, foi indicado como cientista assistente (*Adjunkt*) na Academia Bávara de Ciências e Humanidades (*Bayerische Akademie der Wissenschaften*), com a tarefa de melhorar a coleção zoológica. Entre 1808 e 1810 ele esteve em Paris para aprender zoologia no *Musée National d'Histoire Naturelle* e fez excursões para o norte da França e Itália. De volta a Munique, ele foi indicado como curador e coordenador das coleções zoológicas. Nesse momento começa a coleção zoológica do estado da Baviera (*Zoologische Staatssammlung München*). Spix publicou alguns livros e artigos antes de ser indicado para se juntar à expedição austríaca para o Brasil como zoólogo. Carl Friedrich Philipp Martius nasceu em 17 de abril de 1794 em Erlangen, onde frequentou a escola básica. Estudou medicina e adquiriu seu doutorado em 1814, com a composição de uma lista sistemática de plantas do jardim botânico de Erlangen. Em 1816 foi indicado como cientista assistente em Munique e acompanhou Spix como botânico na expedição para o Brasil. Para maiores detalhes sobre a vida de Johann Baptist Spix, ver Klaus Schönitzer 2011a e Klaus Schönitzer 2011b. As biografias de Martius estão publicadas em: Schramm 1869, Sommer 1953, Grau 1994.

constituírem uma visão estrangeira e, por isso, mais capaz de descrever com propriedade e isenção as características brasileiras (Leite 1997, 9-10). Nessa perspectiva da «descolonização do conhecimento», alguns estudos abordaram a relação entre o narrador e as viagens a partir da construção de representações estereotipadas sobre o «outro» (Alegre 1994, 59-72). No caso dos relatos de Spix e Martius, procurou-se identificar como os conceitos de natureza e civilização compuseram a própria construção de «nação» do Brasil (Lisboa 1997).

No entanto, ainda é preciso prosseguir nas investigações e recuperar a vivência do «viajante» com o «viajado», e vice-versa. Neste artigo, coletamos informações em fontes inéditas e jornais da época com o propósito de recuperar particularmente a visão de Spix e Martius sobre os indígenas no Velho e no Novo Mundo, ao mesmo tempo que recuperamos a experiência vivida pelos indígenas na Alemanha. Esse convívio acabou por influenciar as percepções dos viajantes sobre as populações nativas.

Desde as «conquistas» no século XVI, o Novo Mundo foi objeto de debates intensos, procurando dar inteligibilidade à existência daquele continente como também aos seus habitantes. Não somente a exuberante natureza, mas também o caráter dos seus habitantes despertaram grande interesse. Uma das primeiras crônicas que influenciou o conhecimento sobre os povos indígenas na Alemanha foi a de Hans Staden (1525-1576). Ele descreveu e ilustrou o ritual antropofágico dos Tupinambá, que causou grande comoção sobre as práticas nativas. Assim, os indígenas foram logo considerados como «comedores de homens». Essa narrativa só reforçou a visão de que os indígenas eram social e culturalmente inferiores. Por outro lado, a ideia do «selvagem nobre» como ser inocente também foi largamente difundida, como ficou expresso na literatura e filosofia desde o século XVII (Kurella 2002, 77-111).

A partir da noção da «civilização» construída no século XVIII, formularam-se outras hipóteses a respeito do mundo nativo. O ponto de partida foi a ideia da inferioridade do «selvagem» americano, arquitetada na obra do francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), que reuniu pela primeira vez, de forma sistemática, as observações, conceitos e preconceitos registrados nos relatos de viajantes, naturalistas e missionários. Os estudos de Buffon, publicados em meados do século XVIII, postulavam a «debilidade» do continente americano. Segundo ele, os habitantes da América não dominavam a natureza, «não tendo jamais submetido nem os animais nem os elementos, não tendo domado os mares nem direcionado os rios, nem trabalhado a terra». Assim, os indígenas eram «somente um animal de primeira classe, e existia para a natureza apenas como um ser sem consequência, uma espécie de autômato impotente, incapaz de reformá-la ou auxiliá-la» (Gerbi 1996, 21).

Buffon também atribuiu aos selvagens certa frieza, característica comum a outros animais americanos considerados inferiores, como répteis e insetos. De acordo com ele, isso ocorria principalmente em virtude do estado bruto no qual a natureza se encontrava ali. Configurava-se uma espécie de círculo vicioso, pois a natureza era bruta justamente em função da incapacidade do homem em transformá-la. Na verdade, essas teorias tentavam responder ao problema de definir o Novo Mundo em relação à Europa, com sua gente e suas espécies naturais, além de procurar justificar com «rigor científico» um espectro evolutivo.

O clima, em particular, serviu para «mediar o abismo lógico entre a tese da debilidade física do continente americano e a de sua inferioridade civil e política», como defendiam Bodin, Montaigne, Charon, Botero e Campanella, dentre outros. Voltaire (1694-1788), no entanto, questionava frontalmente a influência do clima. Ele argumentava que, através dos séculos, houve uma significativa mudança no caráter dos povos, enquanto o clima permanecera o mesmo. Discordando também de Buffon, afirmava que cada continente podia produzir seus animais, e não existia problema nem na semelhança de certas espécies, nem na diversidade ou singularidade de outras, não sendo pertinente classificá-las como inferiores ou superiores. A América seria pouco habitada, porque estaria coberta de pântanos que tornavam o ar muito nocivo, pois a terra produzira uma série de venenos, e, por fim, porque seus habitantes eram pouco industriais. O resultado de tais deficiências era uma extraordinária escassez de alimentos, devido à qual os animais eram em geral desnutridos e os homens não podiam se multiplicar (Gerbi 1996, 50).

Outro filósofo francês, o abade Raynal (1713-1796), também contribuiu para a polêmica. Ao analisar a altitude excessiva das montanhas do Peru, bem como os grandes rios e pântanos, Raynal deduziu que essas eram assimetrias reveladoras de um mundo nascente. Por isso, encontravam-se no Antigo Continente dois terços a mais de espécies animais que no Novo, além de animais consideravelmente maiores, nas mesmas espécies. Os homens, por sua vez, seriam menos fortes, menos corajosos, imberbes e desprovidos de pelos, degradados em todos os sinais da virilidade e de amor, sentimento sem o qual nenhum dos outros laços possuiria força nem durabilidade (Gerbi 1996, 52).

A polêmica sobre a natureza americana chegou ao seu extremo com o abade Corneille De Pauw. Enciclopedista típico, De Pauw reunia a crença no progresso e a ausência completa de fé na bondade natural do homem, julgando que essa última só seria capaz de aperfeiçoar-se quando em

sociedade. Assim, os indígenas americanos, na medida em que ignoravam a necessidade de organização social, eram incapazes de efetivar o progresso. Contrariando a ideia de Buffon de que a natureza do Novo Mundo era imatura, ele afirma que ela não seria imperfeita, mas «decaída ou decadente». Os americanos, portanto, seriam degenerados, piores até que os animais. Seriam débeis, pouco vigorosos, com menos sensibilidade e humanidade, menos gosto e instinto, menos coração e inteligência. Assemelhavam-se a «bebês raquíticos, irreparavelmente indolentes e incapazes de qualquer progresso mental» (Gerbi 1996, 58).

O fato é que o debate era acirrado e se espalhava por toda a Europa, sensivelmente na Alemanha², que acabou por resultar, no campo das ideias, em uma «disputa sobre o Novo Mundo», implicando, inclusive, em um ponto fundamental: a partir de que fontes e autoridade se deveria escrever a história das Américas (Cañizares-Esguerra 2011, 22)? De fato, durante o século XVIII, algo estava mudando radicalmente na Europa em relação ao crédito dado às narrativas do Novo Mundo feitas no século XVI. Relatos que até então não haviam sido postos em dúvidas passaram a ser considerados indignos de confiança. A credibilidade de relatos que não fossem escritos por «viajantes filosóficos» passou a ser questionada por um grupo de estudiosos no último quarto do século XVIII. Embora o ceticismo em relação aos viajantes e fontes tradicionais tivessem raízes profundas no século XVII, essas observações revelariam uma forma diferente e um novo modo de ler as fontes.

Nessa perspectiva, Spix e Martius foram apresentados nessa polêmica como homens acadêmicos e testemunhas oculares de uma humanidade que, desde o século XVI, estava colocada à prova. Sobre essa questão, Martius expressou claramente sua posição, quase 20 anos após a expedição:

Em quanto aos meus estudos sobre a história primitiva dos autóctones do Brasil e da América *in genere* [...], consta-me a persuasão, como de um fato geral, que toda a primeira povoação da América em tempos muito remotos tem vivido em um estado mais civilizado do que [aquele] no qual achamos tanto Mexicanos ou Peruvianos como mesmos os ferozes índios selvagens do Brasil. Toda essa povoação tem caído de uma posição mais enobrecida por diversos caminhos [d'huma desgraça] [...]. O assunto de descobrir as íntimas causas da sua decadência seria digníssimo de objeto da Ciência.³

² As informações sobre a natureza dos indígenas foram amplamente debatidas na Alemanha. Ver Lisboa 1997, Kreuzer 2003, Kurella 2002, Schulze 2008.

³ Bayerische Staatsbibliothek (BSB) – Biblioteca Estadual da Baviera. Martiusiana, II. A. 1, Carta de Martius a Januário da Cunha Barbosa, em 24 de fevereiro de 1840.

Há, então, uma tendência em se reforçar que esses naturalistas encarnaram uma visão pessimista dos indígenas, expressa nos seus relatos. Se isso não pode ser contestado por inúmeras passagens depreciativas, um estudo mais acurado da expedição e, sobretudo, das reflexões posteriores à viagem demonstra que essa visão foi de fato contraditória, provocada possivelmente pela experiência do contato com os indígenas, que ora reforçava uma visão detratora, ora favorecia uma idéia mais positiva.

Nesse sentido, para uma vertente de estudiosos, Spix e Martius, embora fossem «eruditos e sensíveis», representantes da elite intelectual universitária da Alemanha, com formação clássica e sólida, não estavam propriamente preparados para o encontro com a cultura indígena da Amazônia em função das «circunstâncias da sua vida e formação antecedente». A literatura baseada na antropologia cultural tem investigado justamente essa questão sob a perspectiva da «xenologia», entendida como «a observação e investigação do comportamento humano frente ao fenômeno da alteridade, a reação mental e intelectual frente ao estranho, ao desconhecido, ao outro» (Kreutzer 2003, 89-90). Além disso, pouco sabiam previamente sobre o Brasil, reduzindo seu conhecimento, segundo eles próprios, aos relatos de La Condamine e de Acuña. Há forte razão para se acreditar que também conhecessem os volumes de Alexander von Humboldt. Assim, os bávaros nunca [*teriam*] ultrapassado «a ideia de que ser civilizado era melhor de que ser selvagem» (Kreutzer 2003, 94).

Se é possível entender essa perspectiva, é importante notar que a experiência no Brasil e o convívio com os indígenas em Munique colocaram em xeque suas visões anteriores e mudaram sensivelmente sua percepção sobre o mundo «civilizado». Portanto, não é possível limitar a visão de Spix e Martius apenas pela leitura dos volumes de «Viagem ao Brasil», mas confrontá-los com a experiência anterior e posterior que contribuíram para a reconsideração de suas teses, pois foi na dinâmica desse processo como um todo que se construiu uma percepção sobre a questão da humanidade dos indígenas do Brasil. É possível acompanhar a ambivalência vivida pelos viajantes, divididos entre as ideias difundidas e debatidas na Europa sobre a humanidade dos ameríndios e a própria experiência vivida no contato com povos indígenas de diversas procedências étnicas e, em especial, o que a proximidade com Johannes e Isabella provocou no pensamento dos naturalistas.

Spix e Martius: naturalistas entre povos indígenas do Brasil

Entre 1817 e 1820, Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp Martius assumiram uma expedição científica por extensas partes do Brasil. Originalmente, essa viagem foi planejada como um apêndice da expedição austríaca de Natterer, acompanhando a arquiduquesa Maria Leopoldine von Österreich (1797-1826) para o Brasil (Riedl-Dorn 2000, Helbig 2012, Bujok e Helbig 2014). Ambos os cientistas não investigaram apenas animais (Spix) e plantas (Martius); receberam também uma lista extensa de tarefas hercúleas e outras incumbências das autoridades. Eles deveriam examinar todas as áreas da zoologia e da botânica e realizar pesquisas geológicas, mineralógicas e geomorfológicas, bem como coletar dados sobre clima, campos magnéticos e hidrobiologia. Além disso, as autoridades esperavam que eles pesquisassem, de forma detalhada, as línguas, costumes, tradições, religiões e facilidades técnicas dos habitantes, incluindo os indígenas, reportando, sobretudo, o que pudesse ser de interesse econômico ou científico. Entretanto, focaremos aqui em um único ponto: a experiência com as duas crianças indígenas que foram levadas para a Alemanha.

Spix e Martius chegaram ao Rio de Janeiro em 14 de junho de 1817, onde ficaram investigando os arredores. Inicialmente, como testemunharam, foi muito interessante e estranho ver tantas pessoas com «cores de pele diferentes». Eles escreveram em seus relatórios durante a viagem:

O que lembra de imediato os viajantes de que eles se encontram em uma parte estrangeira do mundo é, sobretudo, a multidão de pessoas negras e de cor, a classe operária, com a qual se deparam em toda parte e imediatamente assim que colocam os pés no chão. [...] A natureza sorrateira e rude desta gente seminua e intrometida fere o sentimento do europeu, que acaba de deixar sua terra de costumes refinados e hábitos cortesões.⁴

⁴ Johann Baptist Spix; Carl Friedrich Philipp von Martius, *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. König von Baiern in den Jahren 1817-1820 gemacht*. 3 vols. and 1 Atlas – Verlag M. Lindauer, München, p. 1388 (vol. I: 1823, vol. II: 1828, vol. III: 1831) reprinted 1967/68, 1980. Todas as citações traduzidas foram feitas a partir desta publicação original. Há ainda uma versão em inglês por H. E. Lloyd, London, vol. I (1824, em 2 tomos). Em português, uma versão por L. Furquim Lahmeyer, Rio de Janeiro (1938 e edições seguintes em 1961, 1981). J. Spix; C. Martius 1823, 91: «Was jedoch den Reisenden alsbald erinnert, dass er sich in einem fremden Welttheile befinde ist vor Allem das bunte Gewühl von schwarzen und farbigen Menschen, die ihm als die arbeitende Classe, überall und sogleich begegnen, wenn der den Fuss ans Land setzt. [...] Die niedrige rohe Natur dieser halbnackten, zudringlichen Menschen verletzt das Gefühl des Europäers, der sich soeben aus dem Vaterlande feiner Sitte und gefälliger Formen hierher versetzt sieht».

Seus escritos demonstram que a jornada produziu um choque cultural para os dois bávaros, que então nunca haviam estado fora da Europa. Os dois cientistas ficaram fascinados com o meio ambiente tropical e coletaram sistematicamente animais e plantas. Em seus primeiros relatórios ao rei da Baviera, eles escreveram, entusiasmadamente:

Nem a imaginação mais luxuriante é capaz de abarcar a diversidade e o luxo das formas pelas quais a natureza adornou esta região. [...] a terra parece ter derramado toda sua riqueza de cores e formas. [...] – Não! O Brasil e nenhum outro país é o paraíso arcaico esperado na terra, desde sempre almejado.⁵

Spix e Martius estavam bastante despreparados para o encontro com diferentes culturas indígenas (Helbig 2014, 42). Suas ideias sobre «raça» foram muito influenciadas pelo cientista alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) (Lisboa 1997). Antes do embarque, tiveram apenas uma informação muito básica e prévia sobre o Brasil, em parte advinda dos relatórios de Charles Marie de La Condamine (1771-1774) e Christóbal de Acuña (1597-1675), e sabiam sobre as viagens de Alexander von Humboldt (Kreutzer 2003, 92), com quem Spix tivera contato em Paris durante sua estada na cidade em 1808. De toda forma, Spix e Martius colecionaram as impressões de todo tipo de pessoas. Eles foram influenciados e dependentes das informações dos habitantes que conheceram, como um pastor nas proximidades de Jacaré, que descreveu o povo indígena como «bastante entediante e desagradável» (Spix e Martius 1823, 212). Só mesmo posteriormente tiveram a oportunidade de contactar os povos indígenas e suas culturas.

Spix e Martius observaram atentamente as «tribos» indígenas que conheceram e coletaram diversos itens considerados como característicos daquelas culturas. Ambos fizeram listas de palavras de diferentes línguas e descreveram muito de sua vida cultural⁶. Dessas incursões, levaram muitos objetos e artefatos, vestígios de cultura material de 40 grupos étnicos diferentes para

⁵ Spix e Martius 1818, 11: «Die üppigste Einbildungskraft vermag nicht die Mannigfaltigkeit und den Luxus der Formen zu fassen, womit die Natur diese Gegend ausgeschmückt hat. [...] scheint die Erde allen Reichtum an Farben und Formen ausgegossen zu haben. [...] Nein! Brasilien und kein anderes Land ist jenes schon in der Urzeit geträumte hesperische und das hoffnungsreiche Paradies unserer Erde».

⁶ No BSB, há vários manuscritos com listagens lexicais de diferentes povos indígenas do Brasil. Veja-se como exemplo o caso dos indígenas de Minas Gerais. BSB Martiusiana I A1, 10, 4. Sobre os Botocudos: I) Encrekmung, Crecmun ou Craemun (7 fôlios, com lista em português e latim com o respectivo significado em língua nativa (botocudo); II) Crecmun (4 fôlios); III) Nac-Nanouc (9 fôlios); IV) Djiopouroca (Jüporocas) (10 fôlios); Sobre os Puris (2 fôlios); Sobre os Coroados (44 fôlios); Sobre os Malalis (1 fôlio).

Munique (Zerries 1980, 273). Spix descreveu, por exemplo, o tradicional ritual dos Ticunas e levou algumas máscaras de rituais, as quais ainda hoje se encontram no Museu dos Cinco Continentes em Munique. Muitas das descrições são detalhadas, embora o entendimento sobre a cultura indígena fosse caracterizado por «mal-entendidos», influenciados pelas ideias de outros naturalistas da época.

O primeiro nativo que eles conheceram foi um garoto dos «Botocudos, comedores de homens», que estava na casa do germano-russo Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), no Rio de Janeiro (Spix e Martius 1823, 96). Esse é um relato notável descrito no caderno de viagens. O médico e antropólogo alemão Johann Friedrich Blumenbach buscava um crânio botocudo para investigação anatômica. Como o comandante não tinha um crânio para tal, ele enviou um botocudo vivo para o Baron Von Langsdorff. Esse botocudo foi capturado pelos soldados do comandante Langsdorff, que acabou se afeiçoando por ele e o manteve como servo. Ele foi nomeado como «peça de apresentação viva» (Spix e Martius 1823, 97)⁷. Spix e Martius ficaram atordoados com a ideia de matar um homem para examinar seu crânio⁸. Posteriormente, Spix obteve o crânio de um outro botocudo, o qual examinou, mediu e ilustrou em um estudo comparativo com os crânios de indivíduo da Europa, da África e da Ásia, sendo na verdade uma retomada de sua investigação anterior de crânios de animais (Spix 1815).

Os bávaros separaram-se dos cientistas austríacos e deixaram o Rio de Janeiro em dezembro de 1817, em direção a São Paulo. Durante as primeiras semanas, eles foram acompanhados do pintor Thomas Ender (1793-1875), que proporcionou pinturas e esboços inestimáveis e ilustrou a primeira parte da viagem de Spix e Martius. Após investigar os arredores de São Paulo, prosseguiram viagem para o norte, em Minas Gerais, no distrito dos diamantes, perto de Porto Salgado (hoje Januária), cruzaram o rio São Francisco e dirigiram-se para o leste, até a costa de Salvador na Bahia e São Luís do Maranhão. Eles sofreram terrivelmente sob o fardo da seca e de várias doenças, escapando da morte em várias ocasiões. O último e mais importante trecho da viagem foi até o rio Amazonas. Lá, separaram-se em Ega (Tefé), tomando diferentes caminhos para explorar o território. Spix subiu o Solimões até Tabatinga, na fronteira do Brasil com o Peru, Martius subiu ao longo do rio Yapurá (Japurá). Ele recrutou um número considerável de

⁷ Spix e Martius 1823, 97: «da jener nicht Gelegenheit fand, eines solchen todten Documentes habhaft zu werden, so schickte er dem Grafen zwei lebendige Botocudos, [...] den einen derselben, welcher ihm [...] als lebendiges Kabinettstück [...] diente».

⁸ *Reise in Brasilien*, 1828, Vol. 2: 96.

indígenas e soldados para ajudar e recebeu ajuda do adepto e experiente Capitão Francisco Ricardo Zany, que também conhecia a «língua geral», língua comum falada pelos habitantes indígenas e portugueses⁹. Nessa viagem, Martius fez uma parada em um assentamento do povo miranda, conhecido como Porto dos Miranhas.

No aldeamento dos Miranhas havia um chefe indígena «tuxaua» que adotou o nome cristão de João Manoel (Spix e Martius 1831, 1241). Esse chefe vendia escravos para os colonos portugueses «como trabalhadores para as fazendas ou como servos para remar». «O tuxaua dos Miranhas, que aqui reside, tem o costume de vender cativos de guerra para os brancos, assim como os chefes dos negros, e por isso ele sempre tem um grande número de combatentes prontos para lutar»¹⁰. «Pelo fato de o tuxaua ter oferecido fazer uma incursão contra seus inimigos a fim de capturar índios adultos para o Capitão Zany e algumas crianças para nós, Dr. Martius deixou sua companhia [Capitão Zany] assim como a de outro homem enfermo para acelerar sua expedição de guerra»¹¹.

De lá, Martius viajou até as cachoeiras de Arara-Coara, colocando fim em sua expedição, após a qual retornou ao Porto dos Miranhas. A saúde do capitão Zany deteriorou-se e a maioria dos companheiros também adoeceu, provavelmente devido à malária ou a infecções enteroparasitárias (Spix e Martius 1831, 1262). A essa altura, eles também tiveram que construir um novo barco, que está ilustrado no atlas. O tuxaua retornou da incursão. Anos depois, em 1831, Martius o descreveu como uma pessoa bastante incivilizada:

⁹ Capitão Zany colheu seus préstimos. Relatou em carta a Martius em 1829 que recebera do Rei, pelos serviços prestados na Amazônia, o posto de Coronel da Primeira Linha, adido ao Estado Maior e Comendador da Ordem de Cristo. Sua filha casara-se com o Desembargador da Relação do Maranhão, Domingos Nunes Ramos Ferreira, e o filho, José, assentara praça de cadete na artilharia e estava na ocasião estudando na corte. BSB, Martiusiana II. A, 2. Carta de Francisco Ricardo Zany a Martius, Rio de Janeiro, 1 de abril de 1829.

¹⁰ Spix e Martius 1821 (4), 16: Escrita por Martius em Lisboa, 8 de Outubro de 1820, ou seja, antes dos dois cientistas terem regressado a Munique: «... als Arbeiter in ihre Faziendas oder Ruderknechte [...] Der Tuxana der Miranhas nämlich, welcher hier residiert, pflegt auf ähnliche Weise, wie die Negerfürsten, die im Kriege gemachten Gefangenen an die Weißen zu verkaufen, und hält deßhalb immer eine große Anzahl streitbarer Männer bereit.» O texto escrito mais tarde é menos claro quanto à caça de escravos do tuxana (Spix e Martius 1831, 1241).

¹¹ Johann Baptist Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius. *Letzter Bericht der Akademiker Dr. v. Spix und v. Martius aus Brasilien*, Lissabon, 8. Oktober 1820. In: *Kunst und Literaturblatt aus Bayern, Eine Beilage zur EOS*, 1821 (Januar und Februar); (1) 2-4, (2) 7-8, (3) 10-12, (4) 14-16, (5) 18-20, (6) 23-24, (7) 26-28, (8) 30-32, (9) 36 <29>. J. Spix; C. Martius 1821 (5), p. 19: «Da sich der Tuxana erbot, einen Ausflug gegen seine Feinde zu machen, um erwachsene Indier für Capit. Zany und einige Kinder für uns einzufangen so ließ Dr. Martius seinen Begleiter nebst dem Kranken hier zurück um diese kriegerische Expedition zu beschleunigen [...]».

Ele [João Manoel] pediu para traduzir para mim, sorrindo abertamente em minha direção e apontando para a cabana com os prisioneiros: ele provavelmente havia feito sua parte. Obviamente, ele não via nenhuma razão para minha presença ali além de barganhar seus prisioneiros; ele mal pôde acreditar então, quando eu lhe dei tantos machados e facas quantos ele esperava pelos cativos, pelo adorno de penas, pelas armas e por uma bela samambaia em forma de leque (*Schizaea*), que ele me apresentara. Ele então adicionou cinco jovens índios, duas garotas e três garotos, ao presente. Destas criaturas infelizes que eu tanto desejava tirar das mãos daquele desumano assumido – já que ali estariam certamente condenadas à morte, pois todos eles estavam doentes com febre –, a mais velha, uma menina, foi trazida por nós para Munique.¹²

O texto supracitado transmite ao leitor a impressão de que Martius levou a garota para a Alemanha graças à sua compaixão por ela, e não para fazê-la escrava. Erroneamente, fica implícito que Martius a aceitou como um presente. Martius não menciona no citado livro que ele havia pedido ao tuxaua para capturar crianças e, de fato, isso não foi mencionado em nenhuma publicação posterior. No entanto, até mesmo em publicações recentes, é estabelecido que Martius recebeu a garota como um presente (Helbig 2012, 47). Posteriormente, Martius deixou duas crianças em Ega e Pará, e outras duas morreram pouco após embarcarem para a Europa (Spix e Martius 1831, 1265, 1381). No relatório *Über Brasilien*¹³, pode-se ler mais adiante:

Os índios selvagens e capturados, no entanto, não podem facilmente abrir mão de suas florestas e habitações e, assim, dificilmente se adaptam à comida e ao estilo de vida dos brancos. [...] De todos que levaram, [Spix e Martius] só conseguiram salvar dois deles, e, com o máximo de esforço e cuidado, os trouxeram para a Europa e então para Munique.¹⁴

¹² Spix e Martius 1831, 1264-1265: «Mir liess er verdolmetschen, indem er mich grässlich angrinzte und auf die Hütte der Gefangenen deutete: seine Sache habe er wohl gemacht. Ohne Zweifel hatte er meinem Hierherkommen keinen andren Grund geliehen, als den, Gefangene von ihm einzuhandeln; er konnte daher kaum fassen, als ich ihm für den Feder schmuck, die Waffen und ein schönes, fächerförmiges Farnkraut (*Schizaea*), welche er mir überreichte eben so viele Beile und Messer gab, als er für die Gefangenen erwartet hatte. Er fügte nun seinem Geschenke [sic] noch fünf junge Indianer, zwei Mädchen und drei Knaben, bei. Von diesen unglücklichen Geschöpfen, die ich um so lieber aus den Händen des Unmenschen annahm, als sie hier ohne Fürsorge einem gewissen Tode entgegen gingen – ist das älteste, ein Mädchen von uns nach München gebracht worden.»

¹³ Anonymus, *Über Brasilien*. In: *EOS, eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung*, n. 23, 1821, 93-95.

¹⁴ Anonymus 1821b, 94. «Die wilden und eingefangenen Indier können jedoch nicht leicht ihrer Wälder und Wohnung entbehren, und gewöhnen sich daher sehr schwer an die Kost und Lebensart der Weißen. [...] Von allen die sie mitnahmen, gelang es ihnen nur 2 zu retten, und unter äusserster Anstrengung und Sorgfalt nach Europa, und so nach München zu bringen.»

Tratava-se de Isabella e Johannes, os únicos que seguiram viagem até Munique. A alegação dada para levar os indígenas para a Alemanha foi a de educá-los¹⁵, para que, quando retornassem ao Brasil, pudessem auxiliar nas atividades dos missionários. No entanto o motivo dessa decisão não fica realmente claro. Martius adquiriu essas crianças como escravos enquanto viajava sem Spix e deu versões contraditórias de como conseguira de fato os jovens. Posteriormente, ele afirmou que os levou para Munique por compaixão e para salvá-los de uma vida de escravidão. Até recentemente, essa versão é reiteradamente citada. Todavia, na velhice, Martius confessou em um diário que foi um «ato obscuro». De fato, essa sua atitude ambivalente, em particular em relação à escravidão, foi abordada em outros trabalhos (Lisboa 1997, Kreutzer 2003, Helbig 2012, Schulze 2008), mas mereceria um estudo à parte.

A garota que Martius levou à Munique foi chamada de Isabella ou Miranha (fig. 1).



1 Miranha ou Isabella.
Atlas de Spix & Martius para
Viagem pelo Brasil, 1823/1831.

¹⁵ BSB, Martiusiana, A, 1. Na Carta de Martius para José do Pará, R.^{do} Vigário-Geral, Bispo do Pará, de 10 de maio de 1846, ele alegou que tinha a «intenção de os educarem, influírem e mandá-los de volta para a sua pátria. Porque esse plano foi frustrado, vi com uma dor inexprimível todos eles morreram, dois na viagem e dois em Munich. A minha simpatia para com aquela raça tão miserável e negligida [*sic!*] não tem enfraquecida, no contrário com o aumento dos anos senti mais e mais de que como ela merecia o benigno patrocínio d'hum governo paternal e fiquei mais intimamente persuadido que o único meio de a trazer do seu estado de miséria é proporcionado pela doutrina cristã».



2 Juri ou Johannes.
Atlas de Spix & Martius para
Viagem pelo Brasil, 1823/1831.

Ao longo de sua narrativa, Martius descreve o chefe dos Miranhas, João Manoel, e seus soldados como sendo negativos e cruéis. Eles estavam dançando, cantando e realizando cerimônias que assustaram os europeus a noite toda. Martius escreveu, por exemplo:

Passamos a noite toda perturbados e sem dormir entre aqueles filhos do desejo selvagem e cruel. Minha mente ainda fica obscurecida quando penso na terrível degeneração daqueles meio-homens. [...] A alma deste selvagem caído não é imortal; manifesta-se apenas na consciência do ser, não do pensamento. (Spix e Martius 1831, 1263-1268)¹⁶

Ao longo desse famoso caderno de viagens, Martius provavelmente desejou denegrir os Miranhas e seu tuxaua como uma justificativa por ter levado as crianças (Schönitzer 2011a, 140). Em outro texto de 1832, Martius já descreve esse homem com um tom muito mais positivo. Ele relata a vida social desses indígenas e como teve que conviver com o tuxaua ao perambular pela floresta na sua companhia (Martius 1832, 18, 22, 42). Notavelmente, Martius não escreveu muito sobre como conseguiu a segunda criança, o garoto Juri (fig. 3), a quem também levou para Munique.

¹⁶ Spix e Martius 1831, 1263-1268: «Wir brachten unter diesen Söhnen viehisch wilder Lust die Nächte sorgenvoll und schlaflos zu; [...] Noch trübt sich mein Gemüth, wenn an die grässliche Entartung dieser Halbmenschen zurückdenke. [...] Die Seele dieses gefallenen Urmenschen ist nicht unsterblich; sie thut sich nur in dem Bewusstseyn des Seyns, nicht in dem des Denkens kund.» Nesta passagem reconhecemos a ideia de Martius (1832) de que estes indígenas eram «homens degenerados» (ver Helbig 2012, 57-58).



3 Desenho de Juri por P. Lutz, com data equivocada de morte escrita à mão por Martius. Bayerische Staatsbibliothek, Martiusiana, I, A, 1,7, 55,5x47,5 cm.



4 Desenho a lápis de Miranha com data equivocada de sua morte escrita à mão por Martius, sem assinatura. Bayerische Staatsbibliothek, Martiusiana, I, A, 1,7, 47,5x38 cm.

No itinerário, lemos apenas:

[...] Eu, afortunadamente, vim para Manacapuru, [...] Ali, Juri, da família Comá-Tapuñja, juntou-se à nossa tripulação, acompanhou-nos a Munique, mas infelizmente não conseguiu suportar a mudança de clima e outras circunstâncias, tal como sua companheira, a jovem Miranha, pagando com suas vidas.¹⁷

Mais detalhes podem ser encontrados em uma nota manuscrita em um dos diários de Martius, datado de 1862, o que significa que foi escrito muitos anos depois e que não fora sua intenção publicá-lo:

Quando eu retornei de Japurá para Maracapuru, a corte de Zany (ele permanecera, ainda doente, em Ega), o capataz me mostrou os índios sob o comando de seu senhor, dos quais me foi permitido escolher um, que me atrevi a mostrar na Europa e educar à humanidade europeia. Na manhã antes da nossa partida,

¹⁷ Spix e Martius 1831, 1277. «[...] kam ich glücklich nach Manacapurú, [...] Hier sties ein junger Juri, von der Familie der Comá-Tapuñja, zu der Mannschaft, welcher uns nach München begleitet, leider aber, wie seine Gefährtin die junge Miranha, den Wechsel des Klima und der übrigen Aussenverhältnisse mit dem Leben bezahlt hat.»

os índios homens apareceram enfileirados no pátio na frente da casa, e eu escolhi! Eu aponte para um belo menino, Juri, o capataz o tirou da fila.¹⁸

De acordo com outra carta da rainha Caroline à sua mãe sobre as duas crianças, escrita logo após o retorno de Spix e Martius a Munique, Juri fora comprado¹⁹. Notavelmente, Martius nunca mencionou em suas publicações que ele havia comprado Juri. Conforme sua carta, assim como um relatório publicado em 12 de dezembro de 1820 no jornal, Juri era o «filho do líder de uma horda indígena que morreu em um combate»²⁰. Entretanto, como já vimos acima, isso não era verdade.

Em um relatório posterior, publicado no jornal EOS, lê-se que Spix e Martius planejavam trazer até oito nativos do Brasil para Munique para investigação («objeto para pesquisas futuras»)²¹. Nesse texto, é claro que ambos os cientistas queriam levar nativos para a Alemanha, e essa não fora somente uma intenção de Martius. Embora tenha sido Martius quem realmente levou as duas crianças, muito possivelmente Spix deve ter concordado com essa decisão. A esse respeito, Spix escreveu uma carta da Bahia, datada de 28 de janeiro de 1819: «Nosso índio, que levamos conosco de Villa Rica, desertou em Ilhéus, onde viu outros selvagens»²². Diante disso, pode-se presumir que ele também havia planejado levar nativos do Brasil. Por outro lado, parece que Martius assumiu o comando da expedição gradualmente, porque Spix ficara muito doente durante a última parte da

¹⁸ BSB, Martiusiana, II. A.3.4. Martius 1862: *Tagebuch* (diário escrito à mão) (também citado em Schönitzer 2011a, 141. Ver também nota 64): «Als ich aus dem Yapurá nach Maracaprú zurückkehrte, [...] führte mir der Factor auf seines Herrn Befehl die Indianer vor, aus den ich einen auswählen durfte, den ich in Europa zeigen und dann zur europäischen Menschlichkeit zu erziehen mich vermaß. Am Morgen vor der Abreise stellte sich im Hofe, vor dem Wohnhaus die Reihe der männlichen Indianer auf und ich wählte. Ich deutete auf den hübschen Knaben Juri». De acordo com Helbig, entretanto, Martius escreveu que libertara Juri do cativeiro dos Miranhas (Helbig 2012, 47).

¹⁹ GHM, Nachlass Prinz Adalbert, 17, 384. Carta de rainha Caroline para sua mãe, Munique, 9 de dezembro de 1820. Texto escrito à mão pelo príncipe Adalbert von Bayern (1886-1970), citado também em von Bayern 1957: 796: «Der Knabe ist der Sohn eines Königs seines Stammes, Schouri [*sic*] genannt. Er ist mit vielen anderen gefangen genommen und von diesen Herren gekauft worden – für zwei Äxte».

²⁰ Münchner Politische Zeitung, 12.dez.1820: 1459-1460. Miszellen. Anonymus 1820b: «der Knabe [...] der Sohn eines im Gefechte umgekommenen Anführers einer indianischen Horde seyn soll».

²¹ Anonymous 1821b, p. 94: «Als Beleg und Gegenstand weiterer Forschung waren beyde Gelehrte darauf bedacht gegen acht Individuen von verschiedenen Stämmen und Sprachen, mit sich nach Europa zu bringen».

²² Brief von Spix an Direktor von Schrank, 28.jan.1919. EOS Nr. 29: 115: «Unser Indier, den wir aus den Wäldern von Villa Rica mitgenommen hatten, ist uns leider in Ilheros, wo er andere Wilde wieder zu Gesichte bekam, desertiert».

viagem. No caminho de volta para o baixo rio Amazonas, Spix tomou a rota diretamente de volta a Belém, pois estava enfermo, enquanto Martius fez várias outras incursões (Schönitzer 2011b, 141, 142).

Nesse período, era comum levar indígenas para a Europa, como Spix e Martius fizeram. Exemplos são o botânico austríaco Johann Emanuel Pohl (1782-1834), participante da «Expedição Natterer», que levou dois botocudos para Viena (Schreibers 1822, 101-102), e o precursor alemão de Spix e Martius, Maximilian zu Wied-Neuwied (1782-1867), que levou um botocudo jovem e servo do Brasil para sua casa em Neuwied, Rheinland-Pfalz (Willscheid 2002, 178-192). Todos eles foram objeto de curiosidade e mal-entendidos (Riedl-Dorn 2000, Löschner 1988, Dreesbach 2005).

O interesse dos europeus pelas populações ameríndias era notório. O próprio rei parece ter encorajado os dois cientistas a levarem indígenas com eles. A rainha Caroline escreveu em dezembro de 1820: «Schouri, o brasileiro de Martius, quase morreu (fluxão no peito), de febre hepática [...] – o rei ficou profundamente aflito, ontem, temendo perder o pobre Schouri, de quem esperava muita satisfação»²³. Assim, o rei estava fortemente interessado pela criança. A palavra «satisfação» é certamente interpretada como «curiosidade científica», uma vez que é bem conhecido que o rei Maximiliano I era interessado em ciência²⁴.

Entre travessias para o Velho Mundo

Spix, Martius e as crianças viajaram do baixo Amazonas para Belém, onde pegaram uma embarcação para Portugal, que zarpou em 14 de junho de 1820 (Spix e Martius 1831, 1377). A travessia pelo Atlântico foi penosa, por causa das «tirantias» e «arbitrariedades»²⁵ do capitão, que não lhes permitiu

²³ Geheimes Hausarchiv München (GHM), Nachlass Prinz Albert, 17, 384. Carta da rainha Caroline (1776-1841) para sua mãe, de 18 de dezembro, segunda-feira. (Cartas escritas pelo príncipe Adalbert von Bayern; as cópias não estão completas, e as cartas originais, em parte francesas, em parte alemãs, foram provavelmente perdidas durante a Segunda Guerra Mundial): «Schouri, dieser Brasilianer von Martius wäre beinahe gestorben (fluxion de poi-triue), une fièvre bilieuse [...] – le Roi était bien affecté hier de la crainte de perdre ce pauvre Schouri don't il se promet beaucoup de satisfaction [...]».

²⁴ No século XIX, investigar os povos exóticos de forma lógica e/ou antropológica foi um objetivo científico amplamente aceito, e as exposições etnológicas cooperaram bem com os cientistas e suas sociedades. Thode-Arora 1989; Dreesbach 2005.

²⁵ Spix e Martius 1831, 1381: «Wir befanden uns unter der Tyrannei eines Schiffscapitains, dessen Benehmen nur durch Geiz, Eigennutz und geflissentliche Nichtachtung aller sittlichen Verhältnisse geleitet schien. [...] und erlaubte sich überhaupt jede Art von Willkür. Wir hatten den Kummer, zwei unserer indianischen Begleiter in Folge dahinsterben zu sehen, und wurden beyde selbst von Leberkrankheiten ergriffen.»

acesso à comida e água suficientes, mesmo tendo eles levado esses mantimentos a bordo do navio para consumo próprio, para as crianças, bem como para as plantas e animais vivos.

Spix e Martius sofreram de doenças do fígado e duas crianças indígenas morreram em consequência do comportamento do capitão – como declara Martius (Spix e Martius 1831, 1381). O grupo chegou em Lisboa em 23 de agosto, e de lá eles foram por terra via Espanha e França até Munique, tendo chegado em 8 de dezembro²⁶. Inicialmente, as crianças foram de grande interesse e curiosidade para todos. Diversos jornais noticiaram sobre elas e sua chegada foi divulgada em Paris²⁷. Spix e Martius ficaram primeiramente com as crianças no *Golden Rooster (Inn Zum Goldenen Hahn)* na Weinstrasse, no centro de Munique. Muitos estiveram lá para ver as crianças indígenas:

Assim como ontem muitas pessoas vieram até a hospedaria Golden Rooster, onde afortunadamente nossos viajantes regressos do Brasil tomaram suas acomodações, também hoje um grande número de moradores locais foi em sua residência no Max-Palais real, onde os dois jovens índios permanecem, e onde os dois doutores, Spix e Martius, permitiram a entrada de todos por cortesia até agora.²⁸

²⁶ De acordo com o caderno de viagens de Martius (Spix e Martius 1831, 1386), eles chegaram a Munique em 10 de dezembro. No jornal policial (“Polizei-Anzeiger von München”) de 10 de dezembro, isso é observado (ver Leonhardt 1987, 13). Por outro lado, 8 de dezembro é a data de chegada, de acordo com «Flora. Ein Unterhaltungsblatt», publicado em 12 de dezembro de 1820 (número 94, 374-375). Em uma carta da rainha Caroline, pode-se ler claramente que Spix e Martius visitaram a família real no dia 9 de dezembro; portanto, devem ter chegado no dia anterior: «[...] Sábado [...]. Tive uma manhã interessante hoje. Spix e Martius vieram e anunciaram o seu selvagem, a quem eu tenho mantido [ou supervisionado] aqui por um longo tempo. O menino é o filho do rei da sua tribo e chama-se Schuri [Juri]. Ele foi capturado junto com muitos outros e comprado por estes cavalheiros por dois machados. É alto para sua idade (10 anos) e vem de uma raça que não come a carne dos homens. Mas a menina tem cerca de 8 anos de idade, ela é enorme, de porte robusto. Ela descende de uma espécie que se alimenta de homens». [“Menschenfresser”]. Anônimo 1821a, EOS, Nr. 7, p. 31: «Isabelle ist von einem Indierstamme, der aus Menschen fressern besteht, Juri aber aus einem Stamme, welcher den Weißen dient.» EOS, Nr. 7, p. 36: «Isabella von einem der rohesten Urstämme der Indianer entsprossen».

²⁷ Esses relatos aparecem nos seguintes periódicos: *Flora*, 12 dezembro 1820; *Allgemeine Zeitung*, Augsburg, 11 dezembro 1820; *Münchener Politische Zeitung*, 12 dezembro 1820.

²⁸ *Münchener Politische Zeitung*, 12.dez.1820: 1460-1461. Miszellen: «So wie gestern nach dem Gasthof zum goldenen Hahn, wo unsere glücklich zurückgekehrten brasilianischen Reisenden ihr Absteigquartier nahmen, begab sich heute eine große Menge der hiesigen Einwohner nach der ihnen im königlichen Max-Palais angewiesenen Wohnung, wo sich beyde jungen Indianer befinden, zu denen, aus Gefälligkeit der Herren Doktoren Spix und Martius, der Zutritt Jedermann bisher gestattet war.»

A tatuagem ao redor da boca de Juri foi usualmente mencionada, assim como seu cabelo negro e sua pele marrom. Os jornais também comentaram sobre os corpos fortes de crianças e sobre o fato de elas não se comunicarem bem entre elas próprias, uma vez que ambas falavam línguas nativas diferentes. As feições e expressões usadas por Juri eram descritas como mais vívidas, enquanto as de Miranha eram bastante severas.

As duas crianças indígenas, Juri e Miranha, foram batizadas. Nesse contexto, pode ser de interesse notar que Spix era católico, enquanto Martius era protestante. As crianças receberam os nomes cristãos Isabella e Johannes, embora obviamente seus nomes de origem permaneçam desconhecidos. As idades das duas crianças indígenas também são desconhecidas. De acordo com o relatório de EOS, «Über Brasilien» (Anonymus 1821b), elas tinham por volta de 13 anos, sendo Miranha possivelmente um pouco mais nova. Segundo a carta abaixo da rainha de Baviera, foram consideradas com oito e dez anos. Foi relatado em outro lugar que elas tinham 12 anos de idade – 13 no máximo – ou entre 13 e 15 anos²⁹.

Miranha e Juri brincavam com bonecas vestidas, «nenhuma das duas compreendendo que os brinquedos não eram vivos. Foi dito que eles permaneceram sérios na crença de que estavam vivos»³⁰. Miranha aprendeu a costurar:

Além disso, a garota indígena demonstra ter talentos e uma extraordinária perseverança em executar determinadas tarefas; em apenas alguns dias, após ver outras costurando, ela imitou tudo, tão bem quanto suas mestras, provavelmente devido ao fato de as mulheres indígenas possuírem um olhar mais experiente e mais perspicaz.³¹

Spix, Martius e as duas crianças passaram a viver em uma casa de propriedade do rei. Os jornais noticiaram que eles seriam aprovisionados de todo o necessário, às expensas do rei, como, por exemplo, lenha, essencial para o inverno frio depois de retornarem dos trópicos. Eles receberam 11

²⁹ Münchner Politische Zeitung, 12.dez.1820: 1460-1461. Miszellen. Anonymus 1821b; Kunst- und Literaturblatt aus Baiern. Eine Beilage zur EOS. Miszellen aus Baiern, dez. 1820, Nr. 47, p. 185.

³⁰ Anonymus 1821a, Nr. 8, p. 35. «Viele Freude verursachen dem Knaben, wie dem Mädchen, große, vollkommen gekleidete Puppen, von denen beyde noch jetzt nicht verstehen können, daß dieselben leblos seyn. Man hört sie oft in vollem Ernste behaupten, daß sie leben.»

³¹ Anonymus 1821b, 95: «Uebrigens zeigt diese Indierin gute Anlagen, und eine ausserordentliche Beharrlichkeit, in der Ausführung der vorgelegten Arbeiten; gleich nach einigen Tagen, nachdem sie Andere nähen sah, macht sie alles dieses sogleich nach, und zwar eben so fein, als ihre Meisterinnen, vermuthlich weil die Indianerinnen ein schärferes und mehr geübtes Auge haben.»

cômodos na chamada Maxburg, onde moraram juntamente com a viúva Martini³², que cuidava da casa com a ajuda de duas criadas e um servo³³. No começo, as duas crianças dormiram no mesmo quarto que Martius (e Spix?)³⁴. Mesmo assim, a mãe de Martius reclamou em uma carta que ele não a deixava ter ciência da saúde das crianças. Aparentemente, Spix deu mais atenção a elas do que Martius. O famoso filólogo bávaro Johann Andreas Schmeller (1785-1852) visitou Spix e Martius e posteriormente escreveu em seu diário:

As crianças, como Spix as chama, Schuri e Isabel, iam na cama um do outro para apertar as mãos, dizer boa noite e receber de Spix um sinal da santa cruz, que também lhes dizia algo sobre Töpana (Deus). Ele as trouxe para Maria Aich [um lugar de peregrinação perto de Munique] hoje. Schuri foi com um chapéu na cabeça até o altar da pequena igreja, provavelmente escandalizando todos os fiéis que ali oravam, até que Spix, com um misterioso aceno, indicou a ele a santidade peculiar do lugar, e ele tirou o chapéu.³⁵

As crianças, compreensivelmente, tiveram complicações por causa do clima frio do inverno³⁶. Spix e Martius também tiveram problemas com o frio depois de anos de exposição ao clima tropical do Brasil. Foram até obrigados a solicitar mais lenha na corte³⁷. Em muitos relatórios, pode-se notar que Juri e Miranha ressentiam-se nas baixas temperaturas do inverno. Juri

³² Sabemos pouco sobre a Sra. Martin. Ela cuidava da casa de Spix antes da expedição e também após o retorno a Munique. Viveu com Spix, Martius e as crianças no Maxburg, após a viagem ao Brasil. Ver a respeito o Diário de Johann Andreas Schmeller (anos de 1801-1852, 19 de julho de 1816 e 13 de maio de 1826 (publicado como livro em 1990). Também GHM, MF53,716; Huber e Huber 1993 (Spixiana, 16, 97-104). Ou ainda, Schönlitzer (2011a, 39, 145, 146).

³³ GHM, 25 de março de 1821, Fm 15.530. O edifício de Maxburg foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial, sendo restaurada somente uma torre em Lenbachplatz.

³⁴ BSB, Martiusiana II. B1. Carta de Regina Martius, mãe de C. F. Ph. Martius, a seu filho, Erlangen, 1821.

³⁵ Johann Andreas Schmeller (1801-1852), *Tagebücher*. In: *Lauter gemähte Wiesen für die Reaktion. Die erste Hälfte des 19. Jahrhunderts in den Tagebüchern Johann Andreas Schmellers*, Bauer, Reinhard & Ursula Münchhoff (Hg.), München 1990. Em 1 de maio de 1821: «Die Kinder, wie Spix sie nennt, Juri und Isabel, kamen vor dem Schlafengehen, uns die Hand zu reichen, gute Nacht zu sagen, und von Spix ein Kreuz über sich schlagen zu lassen, der ihnen auch etwas von Töpana [Gott] vorsagte. Er [Spix] hatte sie heute nach Maria Aich geführt. Juri war mit dem Hut auf dem Kopf, vermutlich zum Skandal der anwesenden Beter im Kirchlein bis zum Altar vorgegangen, bis ihm Spix mit geheimnisvollem Winken die besondere Heiligkeit dieses Hauses zu ahnen gab, und den Hut abnehmen ließ.» Ver também nota de 27 de outubro de 1820, citada em Schönlitzer 2011, 150.

³⁶ Kunst und Literaturblatt aus Baiern. Eine Beilage zur EOS, Miszellen aus Baiern. 1820, Nr. 47, p. 185.

³⁷ GHM, F.M. 21, 322. Brief von Spix und Martius an den König, 21 de agosto, 1821.

tossia muito e teve uma inflamação torácica grave³⁸ (bronquite e, possivelmente, pneumonia e tuberculose), que quase o matou, e o fez passar pelo tratamento de transfusão de sangue cinco vezes. Segundo as descrições, ele parecia sentir medo dos médicos, que tiraram seu sangue diversas vezes, mas se recuperou³⁹. Miranha também teve tosse e febre, e também foi submetida a tratamento médico⁴⁰.

No entanto, logo Spix e Martius tiveram de pagar pelas despesas das duas crianças. A mãe de Martius considerou um grande fardo e escreveu a ele uma carta em 22 de fevereiro de 1821:

Tente se livrar das duas crianças indígenas, pois elas ainda lhe trarão muitos transtornos. De outro modo, você não será compensado pela comida dada a esses dois até agora; eu passaria a limpo tais custos e assim demonstraria que você não os alimentou nas custas do rei. Pois todos os jornais dizem que, no castelo do Duque Maximiliano, vocês são providos com todo o necessário às custas do rei.⁴¹

Tempos depois, relatou-se que as duas crianças foram separadas. Miranha viveu na casa do *Hofpfistersmeisterswitwe*, Kreszenz Jacobi, e Juri ficou no Castelo de Duque Max. Mas é provável que isso seja resultado de erro de interpretação de Spengler. Juri, enquanto viveu, provavelmente permaneceu com Spix e Martius no Castelo de Duque Max, e Miranha, acima de tudo, estava morando junto com eles, ainda que provavelmente por doação da Sra. Jacobi, que tinha quartos para alugar, mesmo que não fossem muito bons (Leonhardt 1987, 179). Por vezes, foi relatado que a rainha Caroline, que perdera sua filha Maximiliane com apenas dez anos em 1821, cuidou das duas crianças ela mesma. Provavelmente, isso é devido à interpretação de uma frase da carta acima citada da rainha Caroline para sua mãe: «Spix e Martius vieram e anunciaram seus pequenos selvagens que eu mantinha

³⁸ Anonymus 1821a, Nr. 7, 31: «Kaum als Isabellens Gesundheit sich zu bessern begann, erkrankte Juri, und die Brustkrankheit, welche ihn befiel, stieg bis zu einem Grade, daß man für sein Leben fürchtete. Eine heftige Entzündung stellte sich ein, und veranlaßte die Aerzte, ihn neunmal zur Ader zu lassen. Die größte Heftigkeit des Fiebers ist zwar vorüber, aber doch leidet Juri noch stark an Husten.»

³⁹ Anonymus 1821a, Nr. 7, 31-32.

⁴⁰ Flora, 18 de dezembro; Flora, 28 de dezembro; Allgemeine Zeitung, 22 de dezembro; Leonhardt 1987, 64, 72.

⁴¹ Leonhardt 1987, 184: «Mache nur, daß Du die Indier vom Halse bekommst, denn diese machen Dir noch viel Pein. Solltest Du für die diesen beiden Fratzen gegebene Kost nicht auf eine andere Weise entschädigt werden; so würde ich solche sauber berechnen und dadurch käme es auch an den Tag, daß ihr die Kost nicht auf Königl Rechnung erhieltet. Denn wenn in allen Zeitungen steht, daß ihr auf der Maxburg auf Königl Kosten mit dem Nöthigen versehen würdet [...]».

[ou supervisionava] aqui há um longo tempo»⁴². É possível que isso signifique, no entanto, que Spix, Martius e as crianças ficaram lá por um tempo extraordinariamente longo, e não propriamente que a rainha cuidou das crianças.

As crianças viveram em Munique pouco tempo. Morreram meses depois, após contraírem doenças atribuídas à «mudança de clima». Juri morreu, em 11 de junho de 1821, de pneumonia crônica e foi enterrado em 16 de junho. No registro paroquial consta que «Juri da América / Johann Jury do Brasil morreu no dia 11, às 18h da noite, de doença pulmonar»⁴³. O jornal de Munique EOS escreveu a nota:

[...] o jovem indígena Juri, que os dois Drs. von Spix e von Martius haviam libertado do cativeiro do Brasil e trazido para cá, faleceu em decorrência de uma pneumonia crônica e de uma supressão pulmonar, que foram causadas [...] pelos estímulos do clima local, estranhos ao seu organismo. [...] Suportara uma enfermidade duradoura com muita tranquilidade, assim como mostrava seu caráter sempre brando. Gentil como foi em vida, também adormeceu.⁴⁴

O corpo de Juri foi dissecado para investigar e confirmar a causa de sua morte. O pulmão estava altamente congestionado e cheio de pus. Além

⁴² Provavelmente, essa interpretação equivocada remonta a Spengler 1962, 51 (ver nota 53). Carta da rainha Caroline à mãe, Munique, 9 de dezembro de 1820: «[...] j'ai eu une matinée bien intéressante aujourd'hui; Spix et Martius sont arrivés et m'ont annoncé leurs petits sauvages que j'ai gardé longtemps chez moi. Le garçon fils d'un roi de sa caste appelée Schouri a été fait prisonnier avec beaucoup d'autres et acheté par les Messieurs pour deux haches – il est grand pour son âge (10 ans), fort et d'une espèce qui ne mange pas de chair humaine – mais la fille âgée de 8 ans énorme et toute carée est de l'espèce des Menschenfresser [...] ». Deutsche Übersetzung: Bayern 1957: 796 (teilweise). Foi frequente a menção de que as crianças tinham sido separadas, mas isso se deveu ao mal-entendido de publicações (Spengler, 1962, Leonhard 1987). A palavra *Hofffistersmeisterswitwe* está correta, o termo *Hofffisterei* ainda é bem conhecido hoje em Munique.

⁴³ «Jury aus Amerika / Johann Jury aus Brasilien 11 J. a. starb den 11ten abends 6 Uhr an der Lungensucht», Sterbebuch der Pfarrei Zu unserer Lieben Frau, Archiv des Erzbistums München und Freising, Matrikel München 59, fol. 184-185. De acordo com Pfisterei, Münchner Kindl. Ungewöhnliche Lebensläufe aus dem alten München im Spiegel der Pfarrmatrikeln, Ausstellungen im Archiv des Bistums München Freising, Kataloge, 2008, vol. 7, p. 28.

⁴⁴ EOS, *eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung, Miscellen*, 1821, n. 48, p. 194: «Am Sonntag den 11. d. M. Abend um 6 Uhr starb hier der junge Indianer Jury, welchen die beyden Akademiker Dr. v. Spix und v. Martius aus der Gefangenschaft in Brasilien erlöst, und hierher gebracht hatten. An den Folgen einer kronischen Lungen-Entzündung und Lungen-Vereiterung, welche vorzüglich durch die seinem Organism. fremdartigen Reize des hiesigen Klimas hervorgebracht wurden. Man fand bey der Sektion die Lunge ganz vereitert. Er hatte eine langdauernde Krankheit mir vieler Ruhe ertragen, wie er überhaupt einen sehr milden Charakter immer bewiesen hatte. Sanft wie er im Leben war, ist er auch entschlafen.»

disso, um molde de gesso foi feito de seu rosto⁴⁵. Mais tarde, antes da Segunda Guerra Mundial, relatou-se que a cabeça de Juri estava alojada no Instituto de Anatomia da Universidade, como um objeto anatômico⁴⁶. É possível que uma cópia de cera tenha sido feita a partir do gesso, já que esse processo era realizado com frequência naqueles tempos e em Munique também. Havia um museu enorme no centro de Munique durante a segunda metade do século XIX com uma variedade grande de figuras anatômicas, preparações, máscaras de morte e cópias de cera⁴⁷.

Por ocasião da morte de Juri, o jornal EOS escreveu sobre Miranha: «A garota Isabela está indo muito bem, ela faz progressos diários nas línguas europeias e na educação»⁴⁸. O plural «línguas» indica que ela provavelmente aprendeu português, bem como alemão. Durante os meses seguintes, não foi possível encontrar mais informações sobre Miranha. Ela morreu um ano depois, em 22 de maio de 1822, de uma infecção intestinal crônica. No registro paroquial constava: «Uma americana / Izabella do Brasil, 14 anos, morreu no dia 20, às 3h30min da madrugada em consequência de uma infecção crônica generalizada do intestino do abdômen inferior»⁴⁹. A morte de Miranha não foi mencionada no EOS, nem mesmo em seus apêndices – parece que este não era mais de interesse especial para o público. A família real, no entanto, mostrou compaixão para com Miranha, expressa na carta da rainha à sua mãe⁵⁰. Ambos, Juri e Miranha, foram enterrados no antigo cemitério da cidade (*Alter Münchner Südfriedhof*), onde também Spix e Martius foram enterrados após suas mortes (Huber e Huber 1993). O epitáfio que foi feito no túmulo das crianças foi projetado por Johann Baptist Stiglmaier (1791-1844), chefe da fundição de minério real (*Königliche Erzgießerei*). Esse epitáfio está agora alojado no Museu da Cidade de Munique (*Stadtmuseum*) e está

⁴⁵ EOS, *eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung, Miscellen*, 1821, n. 48, p. 194.

⁴⁶ Isto foi reivindicado por Spengler (Spengler 1962, 46). Na verdade, o texto do autor está incorreto em muitos detalhes, como também mencionado em outra parte desta publicação. No entanto, é citado repetidas vezes, como por exemplo: Bahl 2013, Pfeiffer 2013.

⁴⁷ Emil E. Hammer; Carl Gabriel (ca. 1895): *Führer durch das internationale Panopticum und anthropologische Museum*. 2 vols. München.

⁴⁸ EOS, *eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung, Miscellen*, 1821, Nr. 48, p. 194: «Das Mädchen Isabella befindet sich sehr wohl, und macht täglich Fortschritte in den Sprachen und der Bildung der Europäer.»

⁴⁹ «Eine Amerikanerin / Isabella aus Brasilien 14 J. a. starb den 20ten früh um ½ 4 Uhr an den Folgen einer allgemeinen chronischen Entzündung der Eingeweide des Unterleibes;» Sterbe-buch der Pfarrei Zu unserer Lieben Frau, Archiv des Erzbistums München und Freising, Matrikel München 72, 200. P. Pfister, op. cit., p. 21.

⁵⁰ GHM, Nachlass Prinz Adalbert, Segundo fascículo: 17, 384. Carta da rainha Caroline à sua mãe, Tegernsee, 19 de março de 1822.



5 Detalhe da lápide de Juri e Miranha, c. 1824, bronze, 40 × 48 cm. Projetado por Johann Baptist Stiglmaier (1791-1844), Inv. Nr. K-67/509. Foto: P. Fliegauf. © Münchner Stadtmuseum, Sammlung Angewandte Kunst.

aberto ao público. A inscrição no túmulo diz: «Distantes de sua casa, eles encontraram amor e cuidado em um continente distante, mas o inverno áspero do norte é implacável»⁵¹. Uma vez que a sepultura já não existe, pois foi exumada e reutilizada em 1895 para um enterro posterior (Pfister 2008), o epitáfio no Museu da Cidade de Munique, pelo menos, continua a ser um lembrete público do destino implacável que acossou essas duas crianças indígenas.

Surpreendentemente, Martius escreveu datas incorretas de suas mortes abaixo dos desenhos a lápis dos dois indígenas: Juri «Feb 1821» e Miranha «Oct. [1]822». Em geral, é bastante notável quantas das informações dadas por Martius no livro de viagem ou em outras fontes são contraditórias ou insuficientes.

⁵¹ Inscrição em seu túmulo: «Der Heimat entrückt, fanden sie Sorgfalt und Liebe im fernen Welttheile, jedoch unerbittlich des Nordens rauher Winter». Museu da Cidade de Munique, em exibição permanente.

Após sua viagem ao Brasil, Spix viveu apenas mais alguns anos, pois estava inapto a se recuperar dos rigores da expedição. Apesar dos problemas de saúde, ele conseguiu publicar diversos livros sobre os animais do Brasil, morrendo aos 45 anos em Munique, em 13 de maio de 1826, a poucos anos de publicar os resultados de sua grande expedição. Martius, que era mais jovem, recuperou-se dos esforços feitos e viveu até 74 anos, trabalhando como professor na Universidade de Munique e tornando-se um membro conhecido da sociedade muniquense⁵². Casou-se, teve quatro filhos e publicou livros famosos sobre palmeiras (*Historia Naturalis Palmarum*), além de iniciar o grande e pioneiro *Flora Brasiliensis*, editado em 40 partes, de 1840 a 1906. Posteriormente, ele continuou publicando o caderno de viagens (Spix e Martius 1823-1831, três volumes mais um atlas), bem como as listas de palavras das línguas indígenas que os dois cientistas haviam coletado⁵³, encorajando estudantes de zoologia a continuar o trabalho de Spix sobre a fauna brasileira. Ele editou parcialmente as suas publicações, por exemplo, sobre peixes, moluscos e insetos do Brasil. Martius morreu em Munique em 13 de dezembro de 1868. Como Juri e Miranha, Spix e Martius foram enterrados nos terrenos do antigo cemitério da cidade (*Alter Münchner Südfriedhof*), mas somente o túmulo de Martius ainda existe aos cuidados de seus descendentes. O túmulo de Spix foi desocupado e uma pedra memorial está agora em seu lugar (Huber e Huber 1993, 97-104).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, ficou evidente que os escritos de Martius são repletos de contradições. Primeiro, ele disse claramente que havia comprado Miranha e Juri como escravos; depois, ele se retratou, dizendo que fora um ato de humanidade para salvá-los da escravidão, e assim ele se enredou em incontáveis incoerências. É de especial interesse comparar os três escritos diferentes de Martius nos anos de 1831 e 1832. Como já foi dito, ele escreveu de maneira muito negativa sobre o chefe dos Miranhas no famoso caderno de viagens (Spix e Martius 1831, 1263). Entretanto, na mesma época, ele

⁵² Mais detalhes e literatura correspondente estão listadas em K. Schönitzer 2011a. A universidade foi transferida de Landshut para Munique em novembro de 1826, ou seja, após a morte de Spix.

⁵³ Carl Friedrich Philipp von Martius, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Brasiliens. II. Zur Sprachkunde. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Verlag Junge & Sohn, Erlangen. 1863. Há uma versão em português. Glossaria Linguarum Brasiliensium. Glossário de diversas línguas e dialectos que fallao os indios no Imperio do Brazil. Erlangen, Druck von Junge & Sohn, 1967. Carl Friedrich Philipp von Martius, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerika's I. Zur Ethnographie*. Leipzig, 1867.

publicou seu ensaio sobre a organização social dos povos indígenas (Martius 1832). Nessa obra, ele mencionou frequentemente esse chefe, por vezes com palavras negativas, como «a gravidade sombria desse chefe»⁵⁴, mas em geral descreveu-o de modo muito menos negativo do que no caderno de viagem. Em um terceiro texto, o romance *Frey Apollonio* (Martius [1831]), podemos encontrar uma tentativa de compreensão dos povos indígenas. Todavia, Martius não chegou a ver publicado seu próprio romance, que foi editado muito depois⁵⁵. Um amigo de Martius (Ricardo, isto é, o capitão Francisco Ricardo Zany), que viveu com os povos indígenas por anos, referia-se a eles de forma positiva (Martius 1832, 108). Assim, podemos ver uma inconsistência nos escritos de Martius, que pode ser entendida como um certo conflito moral, descrito pelo poeta alemão J. W. Goethe, quando Fausto diz: “Duas almas, infelizmente, estão morando em meu peito, – E cada uma vai lutar para o domínio dela”⁵⁶. Com o passar do tempo, Martius sugere que o que ele fazia era inaceitável. Ele percebeu a sua negligência, quando viu as crianças sofrendo, mas levou muitos anos até que pudesse escrever sobre isso com algum grau de isenção, como finalmente fez em um diário em 1862:

Eu aponte para o belo rapaz Juri, o capataz o retirou da fila e o pai do menino não o acompanhou; ao invés disso, seguiu-me com um olhar fixo: era uma pergunta ou era raiva? Eu não me esqueci desse olhar. Quando o menino morreu em Munique em decorrência de uma pulmonia, um ano depois, isso pesou muito sobre mim. Não corro mais o risco de endurecer a mente e aprendi isso com o amor e adoração que ele tinha para com toda a natureza humana. Por meio de um ato maligno, me tornei humanitário.⁵⁷

⁵⁴ «die düstere Gravität des Häuptlings». Martius 1832, 19.

⁵⁵ Para mais detalhes, ver Helbig 2012, 53.

⁵⁶ Goethe manteve correspondência com Martius. BSB, Martiusiana II. A. 2, Briefe an Martius. Há 10 cartas de Goethe entre 1823 e 1829.

⁵⁷ Martius, C. F. Ph. Von 1862: Tagebuch (diário, manuscrito), BSB, Martiusiana, II.A.3.4; ver também nota 19, citada de acordo com Lenhardt 1987, 257, e igualmente citada em Tiefenbacher 1997, 44. «Als ich aus dem Yapurá nach Maracacru [...] zurückkehrte, [...] führte mir der Factor auf seines Herrn Befehl die Indianer vor, aus den ich einen wählen durfte, den ich in Europa – zeigen und dann zur europäischen Menschlichkeit zu erziehen, mich vermaß. Am Morgen vor der Abreise stellte sich im Hofe, vor dem Wohnhaus die Reihe der männlichen Indianer auf, und ich wählte! Ich deutete auf den hübschen Knaben Juri, der Factor nahm ihn aus der Reihe, und der Vater des Knaben folgte ihm nicht nach, aber verfolgte mich mit einem Blicke: wars Frage, wars Zorn? Ich habe den Blick nicht vergessen. Als ein Jahr später der Knabe in München an der Lungensucht starb, da kam es wie ein schweres Gewicht über mich! Ich habe die Gefahr der Verhärtung des Gemüthes gebüßt und aus ihr Liebe und Verehrung aller menschlichen Natur gelernt. Durch eine Übelthat bin ich zum Menschenfreund geworden.» A propósito, Martius nomeou-se «Menschenfreund» também em outras publicações.

No que diz respeito a Spix, dificilmente podemos fazer suposições sobre suas percepções pessoais sobre os povos indígenas. Uma coisa que sabemos definitivamente é que ele cuidou das crianças, as educou e as doutrinou no cristianismo, e deve ter aceitado a decisão de levá-las para a Alemanha. É bastante claro que Spix relatou sobre os povos indígenas com muito mais imparcialidade do que Martius⁵⁸. Porém, uma análise mais acurada merece ser feita. Não seria justo evocar um julgamento retrospectivo sobre Spix e Martius, afirmando que suas ações são indesculpáveis diante de nosso atual imperativo moral, como Pfeiffer e Bahl fizeram, e nem devemos os desculpar pelas atitudes para com os dois indígenas, como Tiefenbacher. As ações de Spix e Martius só podem ser entendidas dentro do contexto de seu tempo.

O intento deste artigo foi justamente apresentar uma outra perspectiva da visão dos viajantes sobre os indígenas. Mais do que construir um libelo de julgamentos sobre os atos dos bávaros, procuramos, com base na análise das fontes disponíveis, compreender como o contato com os povos indígenas e o convívio com Juri e Miranha foram decisivos para redimensionar as suas convicções sobre a natureza dos índios, que, se não foram suficientes para colocar em xeque as ideias então em voga no debate europeu, acabaram por suscitar e estimular um questionamento sobre quem eram os povos indígenas. Tudo indica que o contato pessoal entre Martius e as duas crianças influenciou seus pensamentos e provocou uma mudança em suas ideias – como de fato se constatou mais tarde nos seus escritos. Ainda assim, este estudo aponta para o imperativo de se proceder a um exame da prática generalizada de tráfico de indígenas para a Europa, o que revela o quanto a própria história indígena ainda está por ser reescrita.

⁵⁸ Schönitzer 2011a, 128, nota 75.

Arquivos

Bayerische Staatsbibliothek [BSB].

Bibliothek der LMU.

Bayerisches Hauptstaatsarchiv III — Geheimes Haussarchiv [GHM].

Zoologische Staatssammlung München.

Archiv der Stadt Höchstadt an der Aisch.

Fontes

ANONYMUS. 1821a. Miscellen. In: *EOS, eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung* 7: 31-32; 8: 35-36 (23.01.1821, 25.01.1821).

ANONYMUS. 1821b. Über Brasilien. In: *EOS, eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung* 23: 93-95.

HAMMER, Emil E., & Carl Gabriel. ca. 1895. *Führer durch das internationale Panopticum und anthropologische Museum*. 2 vols. München.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. 1832. *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens. Eine Abhandlung*. München. Martius, Carl Friedrich Philipp von 1863: *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. II. Zur Sprachenkunde. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Erlangen: Verlag Junge & Sohn. (Portuguese translation: 1967 *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Glossario. De diversas lingoas e dialectos que fallao os indios no Imperio do Brazil. Erlangen, Druck von Junge & Sohn).

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's I. Zur Ethnographie*. Leipzig.

SCHREIBERS, K.F.A. 1820/1822. *Nachrichten von den kaiserlich österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*, 2 vols. Brünn.

SPIX, Johann Baptist. 1815. *Cephalogenesis sive Capitis Ossei Structura, Formatio et Significatio per omnes Animalium Classes, Familias, Genera ac Aetates digesta, atque Tabulis illustrata, Legesque simul Psychologiae, Cranioscopiae ac Physiognomiae inde derivatae*. München: Typis Francisci Seraphici Hübschmanni.

SPIX, Johann Baptist. 1823. *Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae ou Histoire Naturelle des espèces nouvelles de singes et de chauves – souris observées et recueillies pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil exécuté par ordre de S M Le Roi de Bavière dans les années 1817, 1818, 1819, 1820*, I-VIII. München: Typis Francisci Seraphi Hübschmanni.

- SPIX, Johann Baptist, & Carl Friedrich Philipp von Martius. 1818. Erster Bericht aus Brasilien. In: *EOS, eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung*, (1) 3-4, (2) 7-8, (3) 10-12, (4) 16, (5) 17-18.
- SPIX, Johann Baptist, & Carl Friedrich Philipp von Martius. 1821. Letzter Bericht der Akademiker Dr. v. Spix und v. Martius aus Brasilien, Lissabon, 8. Oktober 1820. In: *Kunst und Literaturblatt aus Bayern, Eine Beilage zur EOS*, 1821 (Januar und Februar); (1) 2-4, (2) 7-8, (3) 10-12, (4) 14-16, (5) 18-20, (6) 23-24, (7) 26-28, (8) 30-32, (9) 36.
- SPIX, Johann Baptist, & Carl Friedrich Philipp von Martius. 1823-1831. Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. König von Baiern in den Jahren 1817-1820 gemacht. 3 vols. and 1 Atlas. München: Verlag M. Lindauer, p. 1388 (vol. I: 1823, vol. II: 1828, vol. III: 1831) reprinted 1967/68, 1980.

Referências bibliográficas

- ALEGRE, Maria Sylvia Porto. 1994. Imagem e representação do índio no século XIX. In *Índios no Brasil*, org. Luis Donisete Benzi Grupioni, 59-729. Brasília: MEC.
- APPEL, Michaela, Elke Bujok & Wolfgang Stein. 2009. Ein Annexum des zoolog[ischen] Cabinetes. In *Wissenswelten. Die Bayerische Akademie der Wissenschaften und die wissenschaftlichen Sammlungen Bayerns*, ed. Dietmar Willoweit, 274-286. München.
- BAHL, E. 2013. Juri und Miranha – begierigen Blicken ausgesetzt, vermessen und vergessen. *Infoblatt* 81. www.oeku-buero.de/info-blatt-81/Juri-und-miranha.html, 13.11.2015.
- BAYERN, Adalbert, Prinz von. 1957. *Max I. Joseph von Bayern. Pfalzgraf, Kurfürst und König*. München.
- BUJOK, Elke. 2007. Johann Baptist von Spix und Karl Friedrich Philipp von Martius. In *Exotische Welten*, eds. Claudius Müller et al, 81-94. Dettelbach.
- BUJOK, Elke, & Jörg Helbig. 2014. The “Brazilian-Bavarian Expedition” of Spix and Martius. *Archiv Weltmuseum Wien* 63-64: 101-131.
- CANIZARES-ESGUERRA, Jorge. 2011. *Como Escrever a História do Novo Mundo. Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico*. São Paulo: Edusp.
- DARWIN, Charles D. 1839. *Narrative of the surveying voyages of His Majesty's Ships Adventure and Beagle, between the years 1826 and 1836, describing their examination of the Southern shores of South America, and the Beagle's circumnavigation of the globe*, Vol. III. London.

- DREESBACH, Anne. 2005. *Gezähmte Wilde: Die Zurschaustellung "exotischer" Menschen in Deutschland 1870 bis 1940*. Frankfurt a.M.
- FEEST, Christian. 2012. Johann Natterer und die ethnographischen Sammlungen der Österreichischen Naturforscher in Brasilien. In *Beyond Brazil: Johann Natterer and the Ethnographic Collections from the Austrian Expedition to Brazil (1817-1835)*, ed. Claudia Augustat, 21-31. Vienna. (Also in German and Portuguese.)
- GERBI, Antonello. 1996. *O Mundo Novo: História de uma Polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GRAU, Jürke. 1994. Erlebte Botanik – Martius als Wissenschaftler. In *Brasilianische Reise*, ed. Jörg Helbig, 75-84. München.
- GUTH, Klaus. 2009. Mit den Augen des Fremden. Die Erforschung der indigenen Bevölkerung Brasiliens durch Johann Baptist von Spix (1781-1826) und Carl Philipp Friedrich von Martius (1794-1868) – Voraussetzungen, Arbeitsweisen, Einstellungen. *Jahrbuch für Fränkische Landesforschung* 69: 213-228.
- HELBIG, Jörg (ed.). 1994. *Brasilianische Reise 1817-1820. Carl Friedrich Philipp von Martius zum 200. Geburtstag*. Schirn-Kunsthalle Frankfurt, Staatliches Museum für Völkerkunde München.
- HELBIG, Jörg. 2012. Observações sobre o legado da expedição bávara ao Brasil. In *Um Brasil para Martius (Memória do saber)*, eds. P. Diemer e M. Fátima Costa, 34-81. Rio de Janeiro.
- HUBER, Berta, & Walter Huber. 1993. Dr. Johann Baptist Ritter von Spix – eine "berühmte Münchner Persönlichkeit". *Spixiana* 16: 97-104.
- KREUTZER, Winfried. 2003. Encontro com o Outro. Johann Baptist von Spix, Carl Friedrich von Martius e os Índios na Amazônia. In *Portugal – Alemanha – Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch*, Org. O. Grossegesse *et al.*, vol. I: 89-101. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- KURELLA, Doris. 2002. Indianische Völker und europäischer Erforschungs- und Eroberungsdrang in Amazonien – Versuch einer Ethnogeschichte. In *Amazonas-Indianer: LebensRäume – LebensRechte – LebensRituale*, eds. Doris Kurella & Neitzke Dietmar, 77-111. Berlin.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. 1997. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- LEONHARDT, Henrike. 1987. *Unerbittlich des Nordens rauher Winter. Eine Geschichte*. München.

- LÖSCHNER, Renate (ed.). 1988. *Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH*. Vol. 2, *Nachlass des Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied, Part I. Illustrationen zur Reise 1815 bis 1817 in Brasilien*. Stuttgart.
- LISBOA, Karen M. 1997. *A nova atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.
- MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. 1992 [1831]. *Frey Apollonio: Ein Roman aus Brasilien, erlebt und erzählt von Hartoman*. Edited and commented by E. Th. Rosenthal. Berlin.
- PFEIFFER, Zara. 2013. Die Erforschung der Anderen. *Hinterland* 23: 34-40 <http://www.hinterland-magazin.de/pdf/23-34.pdf> (13.11.2015).
- PFISTER, Peter. 2008. *Münchner Kindl. Ungewöhnliche Lebensläufe aus dem alten München im Spiegel der Pfarrmatrikeln, Ausstellungen im Archiv des Bistums München Freising, Kataloge*, Vol. 7: 28.
- RIEDL-DORN, Christa. 2000. *Johann Natterer und die Österreichische Brasilienexpedition*. Petrópolis.
- SCHMELLER, Johann Andreas (1801-1852). 1990. Tagebücher. In: *Lauter gemähte Wiesen für die Reaktion. Die erste Hälfte des 19. Jahrhunderts in den Tagebüchern Johann Andreas Schmellers*, ed. Reinhard Bauer & Ursula Münchhoff (Hg.). München.
- SCHULZE, Frederik. 2008. Konzepte von Physiognomie und Rasse bei Martius. *Revista Contingentia* 3 (2): 117-132.
- SCHÖNITZER, Klaus. 2011a. *Ein Leben für die Zoologie. Die Reisen und Forschungen des Johann Baptist Ritter von Spix*. München: Edition Monacensia.
- SCHÖNITZER, Klaus. 2011b. Johann Baptist von Spix (1781-1826). Brasilienforscher und Gründer der Zoologischen Staatssammlung München. *Naturwissenschaftliche Rundschau* 64: 466-471.
- SCHRAMM, Hugo. 1869. *C.F. Ph. v. Martius. Sein Lebens- und Characterbild insbesondere seine Reiseerlebnisse in Brasilien*. Leipzig.
- SOMMER, Frederico W. 1953. *A vida do botânico Martius: "pai das palmeiras"*. São Paulo.
- SPENGLER, Karl. 1962. *Es geschah in München*. München.
- THODE-ARORA, Hilke. 1989. *Für fünfzig Pfennig um die Welt*. Frankfurt/M.
- TIEFENBACHER, Ludwig. 1982. Der rauhe Nordwind blies ihr Leben aus. Die ersten Indianer in München. *Charivari: Die Zeitschrift für Kunst, Kultur und Leben in Bayern* 8: 26-29.
- TIEFENBACHER, Ludwig. 1997. Rückblick auf das Leben des großen Brasilienforschers Johann Baptist Ritter von Spix anlässlich seines 170. Todestages am 13

Mai 1996. (Vortrag, gehalten am 8. Mai 1996 vor dem “Ritter von Spix-Förderverein” in Höchststadt a. d. Aisch). *MartiusStaden-Jahrbuch* 1997/1998: 28-46.

WILLSCHIED, Bernd. 2002. Der Botokuden-Indianer Quäck in Neuwied. *Heimatsjahrbuch des Landkreises Neuwied* 2002: 178-192.

ZERRIES, Otto. 1980. *Unter Indianern Brasiliens. Sammlung Spix und Martius 1817-1820*. Innsbruck.